

ALVAREZ, A. **O Deus selvagem.** Um estudo do suicídio. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Cia. das Letras. 1999. 287p.

Desde que Durkheim publicou, em 1897, o seu conhecido estudo sobre o suicídio, partindo de uma perspectiva sociológica, o enfoque moralista do tema deu lugar a um bom número de estudos científicos, principalmente a partir das duas primeiras décadas deste século (o resenhista é de parecer de que ainda estamos no século XX). Investigações clínicas, análises estatísticas, teorias diversas, profissionais de diversas origens (psiquiatras, psicólogos clínicos, sociólogos, assistentes sociais, médicos e profissionais da saúde de um modo geral, etc.) contribuíram para que um fluxo incessante de artigos e livros tivesse seu lugar. Nesse caudal, é claro, alinham-se trabalhos acadêmicos, obras especializadas (lembro textos eruditos como o de Gilles Romilly Fedden, **Suicide. A social and historical study.** London: Peter Davies, 1938, com uma segunda edição publicada em New York, pela Benjamin Blomm Inc., em 1972, e o lúcido e sensível estudo do prof. Erwin Stengel, **Suicide and attempted suicide**, cuja edição revisada saiu em 1969), artigos densos, bem como textos de divulgação e literatura de auto-ajuda. Aliás, uma universidade americana, a John Hopkins, criou uma dinâmica unidade ligada à sua escola de medicina, e o Departamento de Saúde, Educação e Providência do governo americano patrocinou a publicação de um periódico, o **Bulletin of Suicidology**. No Brasil, foi lançado, recentemente, pela Record, o **Dicionário de suicidas**, de J. Toledo, uma obra de 368 páginas, apresentando suicidas famosos e personalidades conhecidas que se mataram ou atentaram, sem êxito, contra a própria vida, de Li-

curgo (séc. IX a. C.) à princesa Diane (que teria tentado, por cinco vezes, pôr fim à vida).

Norman L. Farberow e Hans Rost elaboraram um levantamento bibliográfico de estudos sobre o suicídio, e o número é impressionante, ainda que desatualizado. Este último (*Bibliographie des Selbsmords*. Augsburg: Hass und Grabherr, 1927), reúne 3.800 títulos. Farberow (*Bibliography on suicide and suicide prevention*. Rockville: Md. National Institute of Mental Health, 1972), embora repita alguns títulos do levantamento de Rost, aponta 4.744 títulos publicados entre 1897 e 1970. Esses dois levantamentos, considerando as repetições, reúnem, possivelmente, cerca de 7.000 títulos sobre o assunto, embora deixem de lado obras publicadas nos últimos trinta anos.

No campo prático, deve-se acrescentar o surgimento de grupos, especialmente formados por voluntários, em diversas partes do mundo que, com seu espírito solidário, contribuem, de forma preventiva, atendendo a pessoas em situação difícil.

A obra em apreço foi publicada, em inglês, em 1971, pela Weidenfeld and Nicolson, de Londres, tendo sua tradução para o francês, feita por Léo Park, publicada já no ano seguinte, sob o título *Le Dieu sauvage*. Essai sur le suicide. Paris: Mercure de France. Aqui no Brasil, só agora a Cia. das Letras encarrega-se de publicar a obra, numa tradução bem-elaborada de Sonia Moreira.

É bom que se esclareça que o autor é um inglês (a despeito do nome), nascido em Londres e educado em Oxford, crítico literário e ensaísta. Não se trata

de um trabalho especializado ou de uma tese acadêmica sobre o tema. Contudo, com sua versatilidade, mostra-se vivaz, evidenciando o talento de ensaísta culto e curioso, mantendo o bom-senso que caracteriza o britânico típico.

A primeira parte do livro é constituída de um trabalho de crítica da obra da poeta (as mulheres não gostam do termo poetisa) americana Sylvia Plath, associada à sua vida, uma vez que veio a se matar. Não aponta, evidentemente, a poesia como *causa mortis* da autora, mas procura demonstrar que seus últimos poemas criaram clima e visões que podem associar-se ao fim trágico da autora citada. O resenhista, ignorante confesso de assuntos ligados à poesia americana contemporânea, seria incapaz de escrever uma linha sequer sobre a autora. Para dizer a verdade, é a primeira vez que depara com seu nome. Mas, ao longo da leitura, não pôde deixar de evocar a figura sensível de Ana Cristina César, hoje conhecida por Ana C., talentosa poeta, crítica e ensaísta carioca, professora da PUC do Rio de Janeiro, que também buscou, nos anos oitenta, mais precisamente em 1983, um trágico fim: atirou-se do sétimo andar do apartamento em que morava, após crise depressiva provocada por desilusão amorosa. Apenas mera evocação, pois não se encontra apto para opinar sobre a contribuição literária de uma ou de outra.

A seguir, penetrando nos campos da história, da etnografia e da psicanálise, procura tecer considerações interessantes sobre a atração que a morte voluntária exerceu na imaginação no homem ocidental. Sob a perspectiva psicanalista, embora se mostre um bom conhece-

dor dos principais trabalhos de Freud (ver p. 101-124), não sai daquela limitação óbvia que tem cingido os estudiosos da área: os processos que levam uma pessoa a pôr fim à própria vida são complexos e difíceis tanto quanto os daqueles que continuam a viver. Embora não faça uma abordagem sistemática da contribuição filosófica sobre o assunto, aqui e ali, vai socorrer-se de passagens de Montaigne, Montesquieu, Hume, Kant, Schopenhauer, Kierkegaard. Não são desprezíveis os pequenos subsídios lingüísticos que oferece no que tange ao termo suicídio (p. 63, 70, etc.), bem como as incursões que faz no campo da literatura. Nisso mostra sua habilidade e erudição, como louvado crítico literário que é. Porém, deixa bem claro: sua preocupação é com o suicídio e literatura, não com o suicídio na literatura. Daí seu método não ser o do inventário. Trata do poder que a prática tem exercido na imaginação criativa. E, sendo o escritor aquele que cria o universo de seu personagem, penetra na sua interioridade, expõe seus dramas, o suicídio é um evento tratado freqüentemente. Na modernidade, de Shakespeare a Dostoiévski, essa trama aparece, diferentemente da Idade Média, onde o ato era julgado pecado mortal, objeto de repulsa moral. Refere-se a uma espécie de manifestação autodestrutiva da arte, tendo como exemplo fundante o dadaísmo. Toma como ponto de partida a frase de Jacques Rigaut ("o suicídio é uma vocação") e procura ancorar-se no próprio suicídio desse autor, ocorrido em 1929, tido como marco e fim da era dadaísta (?) Segundo Alvarez, os dadaístas procuravam provocar uma agitação

destrutiva contra tudo: não apenas contra os mecanismos opressivos mas contra si próprios.

Como bom ensaísta, faz transitar suas considerações dos métodos antigos de se pôr fim à vida à influência das drogas modernas e do gás doméstico. Sobre estes dois últimos escreve: "não só transformaram o suicídio em algo mais ou menos indolor, como fizeram com que parecesse mágico" (p. 141).

Finalmente, no Epílogo, de modo corajoso, lança-se num exercício de auto-análise, revelando, de modo radical, sua sensibilidade, narrando, de forma lúcida e sem comiseração, sua própria tentativa de suicídio. Aliás, confessa, no início do texto: "(...) tenho de admitir que sou um suicida malsucedido" (p. 261). As conclusões do episódio devem ser tiradas pelo leitor. É difícil concordar com a síntese conclusiva do autor, mas, como buscar argumentos contrários diante de caso tão complexo em que a lucidez parece falecer? Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra.

É sob o aspecto histórico e filosófico que encaminhamos a presente apreciação. Por um lado, entra em detalhes trágicos, citando o exemplo de um senhor de setenta anos que, na velha Viena, cravou sete pregos de oito centímetros no topo de sua cabeça; do cidadão de Belfast que abriu nove buracos em sua cabeça com uma furadeira elétrica; da polonesa que, em cinco meses, engoliu quatro colheres, três facas, e dezenove moedas, vinte pregos, sete ferrolhos, etc., como consequência de uma desilusão amorosa – todos com a menção das respectivas fontes (p. 128-129).

Por outro, cita fatos históricos não documentados, além de fazer comentários pouco fundamentados e interpretações discutíveis sobre alguns aspectos dessa complicada prática. Pode-se concluir que é bastante modesta sua referência bibliográfica, ao reportar-se a exemplos históricos, ao longo da cultura ocidental. Sua análise do estoicismo, que (segundo ele) fundamentava a morte voluntária na razão, e da posição do cristianismo frente ao martírio nem sempre deixa ilações convincentes. Além disso, comete uma grande injustiça, ao atribuir aos donatistas, como um todo, a prática da busca deliberada da morte como forma de encontrar um fim glorioso. Em nenhum momento cita os *circumcelliones*, como denominou Santo Agostinho o ramo dissidente dos donatistas, na sua maioria camponeses berberes ou trabalhadores sazonais na

semeadura, vindima e colheita das oliveiras. Estes, sim, foram os responsáveis por atitudes insanas que não vem ao caso inventariá-las aqui. A quem estiver procurando um trabalho bem-documentado sobre o assunto, recomendamos a dissertação de Mestrado da prof^a. Euza Rossi de Aguiar Frazão, orientada pelo Dr. Eurípides Simões de Paula, defendida em 1973, na Universidade de São Paulo, sob o título **Os circunceliões através de Santo Agostinho**.

Isso, contudo, não desqualifica a obra. Talvez tais observações surjam como decorrência de um leitor que vê frustrada sua tentativa de colher outros subsídios sobre assunto tão complexo, tanto no que se refere ao levantamento histórico e etnológico como no que concerne à interpretação filosófica e religiosa do ato.

Paulo de Góes